



A PRESENÇA DOS SÍMBOLOS EM NOSSA VIDA¹

VALÉRIA LUCILE SONEGO²

DANIEL SCHIOCHETT³

RESUMO

O presente artigo parte da premissa de que o homem é um ser simbólico e assim, pretende-se demonstrar que interpretamos a realidade fazendo leituras aproximadas e para isso, usamos códigos - os símbolos. Logo, essa parece ser uma instância de extrema importância, pois modelamos nossas vidas a partir dessas leituras. E para comprovar que assim o fazemos, trarei exemplos retirados particularmente de uma área bastante sensível e de permanência perene em nosso contexto, inclusive no mundo pós-moderno. É o campo da conexão com o sagrado, que será evidenciado através dos estudos de pesquisadores como o historiador de religiões, Mircea Eliade (1907 – 1986) e do mitólogo Joseph Campbell (1904 – 1987). Dessa maneira, a despeito de vivermos em uma sociedade altamente instrumentalizada, isso não significa que tenhamos encontrado equilíbrio em nossa vida. Ao contrário, somos constantemente tomados por inquietações e perdas de sentido. Mas, será demonstrado que é possível resgatar esse retorno a nós mesmos, através da reconexão com o elemento sagrado que nos habita, reorientando-nos ao equilíbrio, mediado pelo filtro da linguagem simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: Símbolos. Sagrado. Reconexão. Equilíbrio.

ABSTRACT

The present article starts from the premise that we are symbolic beings and like this, it is intended demonstrate that we interpret the reality doing approximate readings and for that, we use codes – the symbols. Thus, this seems to be an instance of extremely important, because we model our lives starting these readings. And for to prove that so we do, I will bring examples removed particularly of quite sensitive area and perennial permanence in our context, including in the postmodern world. It's connection field with the sacred, that will be showed trough studies of researchers like the historian of religions, Mircea Eliade (1907 – 1986), and the mythologist Joseph Campbell (1904 – 1987). In this way, in spite of we live in a highly rigged society, this not means that we have found balance in our life. Instead, we are constantly taken by concerns and loss of meaning. But, it will be demonstrated that it is possible to redeem this return to ourselves, trough reconnection with the sacred element that inhabit us, redirecting us to balance, mediated by the filter of symbolic language.

KEYWORDS: Symbols. Sacred. Reconnection. Balance.

¹ Artigo apresentado como requisito para a conclusão do curso de Graduação em Filosofia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL – 2020.

² Acadêmica do curso de Filosofia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL - valeriasonego@gmail.com.

³ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2017), mestre em Filosofia pela mesma universidade (2009), graduado em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL (2006) e titular do curso de graduação em Filosofia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

INTRODUÇÃO

Para demonstrar a relevância dos símbolos em nossa vida, esse estudo iniciará apontando para uma área cuja expressividade torna-se bastante significativa na compreensão da condição humana. Condição essa que, verifica-se como sendo elemento de ligação entre passado e presente, ou seja, a conexão com o sagrado. Assim, na obra *O Sagrado e o Profano* (1957), o historiador Mircea Eliade conceitua o que seria o sagrado e como se daria sua manifestação. “A primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano. [...] O sagrado manifesta-se como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’”. (p. 16-17).

Disso, deduz-se que o homem então seria afetado, por mais de uma realidade ou dimensão. Pois, extrapolando a sua esfera de vivências de um modo natural, ele entraria em contato, por assim dizer, com um outro plano possível de experimentações. Seguindo esse raciocínio poderíamos inferir que, para conseguir ter acesso a esse outro plano transcendente ao conhecido, necessariamente, haveria “algo” para intermediar essa relação. Essa é a incógnita que iremos desvendar logo a seguir.

2. O SAGRADO E O PROFANO

Retomando a consideração anterior, o “algo” em questão, para intermediar, seria uma espécie de ponte, porém, mais que apenas um meio físico, é simultaneamente um processo dialético. Ou seja, como um diálogo entre realidades distintas qualitativamente. A realidade ordinária, profana, fazendo uma ligação com a realidade numinosa, diáfana, sagrada. A esse processo Eliade denomina Hierofania que, etimologicamente significa algo que se revela: *Hieros* (grego): sagrado e *Faneia* (grego): manifesto. Seria, desse modo, uma espécie de manifestação, havendo assim a necessidade do contexto manifesto, ser traduzido ou mais propriamente, interpretado.

Nesse ponto, surge outro conceito importante que tem ligação com o anterior e é o de *homo religiosus* - homem religioso: um homem que vive num “cosmos sacralizado”. (ELIADE, 1957, p. 22). Tal condição de ser, o homem religioso, é que será o diferencial para haver a percepção da distinção de tessitura ou qualidade, entre as realidades, quando ocorrerá a interpretação e o entendimento do que faz parte do mundo natural, conhecido e do que é do outro mundo, o tal cosmos sacralizado. Essa expressão ficará mais clara à medida que elucidarmos o papel do binômio tempo/espaço para esse contexto. Primeiramente, segundo o

autor, “para o homem religioso o espaço não é homogêneo, apresenta roturas, quebras...” (ELIADE, 1957, p. 25).

Haveria uma diferenciação entre um espaço sem consistência, amorfo, o não-sagrado e o que é sacralizado. Aqui encontramos um ponto fundamental inerente ao sagrado, por ser estruturante, que é a ideia de um “ponto fixo” absoluto, um centro. É interessante notar a comparação que Eliade faz entre o homem religioso e o não-religioso. Para o primeiro, a ideia de centro e, derivado dele o de centro do mundo, é o verdadeiro alicerce de qualquer religião. No espaço sagrado é que significativos eventos podem acontecer e não em qualquer outro. “É nele que o profano é transcendido. [...] É onde o homem pode subir simbolicamente ao céu”. Para qualquer crente uma igreja/templo é “um espaço diferente da rua na qual se encontra”. No entanto, mesmo para o homem não-religioso, poderá haver “os lugares sagrados do seu universo privado”. (ELIADE, 1957, p. 28 - 29).

Nas sociedades tradicionais, conforme Eliade explica, o espaço de vida humano tem uma fronteira: há o nosso espaço ou mundo e o que está fora, o outro mundo. Essa ideia traduz-se por um espaço que foi consagrado. Para o homem religioso dessas sociedades, o espaço sagrado reproduz, portanto, a obra dos deuses. Nesse recorte, um símbolo típico é a ideia do *axis mundi*, que mantém a comunicação com o céu [morada dos deuses], expresso pelo poste/pilar sagrado. Isso é bastante representativo das sociedades tradicionais, e que ficará implícito no panorama maior donde podemos observar também a dicotomia – caos/cosmos. Pode ter aparência de um entendimento do mundo antigo, porém sobrevive nas formulações modernas

[...] fala-se do caos, de desordem, das trevas onde nosso mundo se afundará. Todas essas expressões significam a abolição de uma ordem, de um cosmos, de uma estrutura orgânica, e a reimersão em um estado fluido, amorfo, enfim, caótico. Isto prova, ao que parece, que as imagens exemplares sobrevivem ainda na linguagem e nos estribilhos do homem não-religioso. (ELIADE, 1957, p. 48).

Segundo Eliade, caos e ordem estariam inextricavelmente ligados assim como outro fator importante, intimamente correlacionado ao espaço que seria a percepção do tempo.

O tempo sagrado é por sua própria natureza reversível, no sentido em que é propriamente falando, um tempo mítico primordial tornado presente. Toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios”. [...] É um tempo ontológico, por

excelência, “parmenidiano”⁴: mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda, nem se esgota.” (ELIADE, 1957, p. 63 – 64).

Nesse âmbito, também existiria uma espécie de chama perene da Cosmogonia [criação do mundo], isto é, um ciclo em que há, periodicamente, um retorno ao tempo mítico. Nós ainda vivenciamos esse lastro de renovação existencial, com a celebração do Ano Novo, por exemplo. “É por essa razão que por ocasião deste se procedem as “purificações” e a “expulsão dos pecados, dos demônios”. (ELIADE, 1957, p. 71). E não podemos nos esquecer dos rituais para “garantir” uma renovação e, ainda, para muitos de nós, algum momento de reflexão, no qual, tentamos avaliar e deixar para trás, o que não nos cabe mais, o que é tóxico, cuja permanência nos bloquearia para a tomada de um novo ciclo.

Até aqui já podemos perceber que esse homem religioso, e até o resquício que sobrou dele na modernidade, mantém uma ligação existencial com o transcendente e inefável. Um “algo” que estaria na origem de tudo. E aí temos o campo, digamos, vivificador da própria condição humana: o conceito de mito. O que é o mito? Como afirma Eliade, [...] “o mito conta uma história sagrada [...] relata de que modo algo foi produzido ou começou a ser”. (ELIADE, 1963, p.11).

Como uma espécie de DNA que, na Biologia nos informaria sobre nossa identidade em comum, enquanto espécie, o Mito, de certa forma, também possuiria uma certa similaridade, porém em um meta-sentido - o sentido ontológico.

Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que povoam nosso sono surgem no círculo básico e mágico do mito. (CAMPBELL, 1949, p.15).

Então, se o mito parece ter tanta importância, segundo esses autores, construindo o arcabouço do nosso ser, poderíamos presumir que preencha uma área, digamos diáfana ou difusa, que talvez hoje seja o que designamos por inconsciente. Conforme aponta-nos os estudos e observações do mitólogo J. Campbell (1963, p. 21),

A função primária da Mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás. Com efeito, pode ser que a incidência tão

⁴ Em tempo: a alusão à Filosofia de Parmênides (540 – 470 a. C.), da Escola Eleática (atual sul da Itália), diz que o ser é único, imutável, infinito e imóvel. O movimento existe apenas no mundo sensível, e a percepção levada a efeito pelos sentidos é ilusória. [...] as coisas que existem fora de mim são idênticas ao meu pensamento, e o que eu não conseguir pensar não pode ser na realidade. (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 93).

grande de neuroses em nosso meio decorra do declínio, entre nós, desse auxílio espiritual efetivo.

As narrativas míticas servir-nos-iam então, como moldes, como modelos exemplares do viver. Não apenas um legado, mas a própria tessitura ou “substância” da qual seríamos feitos. O Mito teria o poder de reavivar, de nos devolver a nossa própria humanidade. [...] “pela reatualização dos mitos, o homem religioso esforça-se por se aproximar dos deuses e participar do Ser; a imitação dos modelos exemplares divinos, exprime, ao mesmo tempo, seu desejo de santidade e sua nostalgia ontológica”. (ELIADE, 1957, p. 93 – 94).

Vejamos, por exemplo, o clássico Mito do Eterno Retorno⁵, cultivado pelas sociedades arcaicas, inclusive pela Grécia, também conhecido como Mito das Eras ou Ciclos, (ELIADE, 1957, p. 96 – 97)

[...] cujos filósofos da época tardia levaram a concepção do Tempo Circular aos seus limites extremos. [...] segundo alguns pensadores da antiguidade – pitagóricos, estoicos, platônicos -, admite-se que, no entender de cada um desses ciclos de duração, desses *aiones*, desses *aeva*, se reproduzem as mesmas situações que se produziram já nos ciclos anteriores e que se reproduzirão nos ciclos subseqüentes – até o infinito. Nenhum acontecimento é único, nenhum ocorre uma única vez (por exemplo, a condenação e a morte de Sócrates), mas realizou-se e realizar-se-á perpetuamente; os mesmos indivíduos apareceram, aparecem e reaparecerão em cada retorno do Círculo sobre si mesmo.

Assim, ao que parece, a Mitologia teria muito a nos dizer, talvez mais do que conseguiríamos supor, de início. É o que nos assegura o pesquisador da área, Joseph Campbell (1963, p. 368),

[...] Pois, a Mitologia quando submetida a um escrutínio que considere não o que é mas, o modo como funciona, o modo pelo qual serviu à humanidade no passado e pode servir hoje, revela-se tão sensível quanto à própria vida às obsessões e exigências do indivíduo, da raça e da época.

Ora, poderíamos especular, o que as lendas e narrativas míticas nos trariam ou, afinal, o que teriam em comum? Todas remetem, de alguma forma a certos códigos de conduta, valores e imagens, de lugares, objetos, entes da natureza, em suma, formas de agir, de pensar, de ser. Por isso, não é incomum, aliás, justamente o oposto, encontrarmos histórias ou lendas, de culturas diversas que, embora estejam distantes no tempo e no espaço, contam a mesma essência ou o mesmo teor de vivências. O pano de fundo é similar, porém, mudam os cenários e as personagens. De acordo com o historiador M. Eliade (1957, p. 115 – 116), [...] “a História

⁵ Além dos pitagóricos e estoicos, esse mito encontra-se incutido também na filosofia indiana, no Egito Antigo, bem como na literatura judaica (Eclesiastes) e retorna, no séc. XIX, com o filósofo alemão, Friedrich Nietzsche que torna o conceito um dos pilares de sua obra. (NASCIMENTO, 2019).

não conseguiu solidificar radicalmente a estrutura de um simbolismo arcaico. A História acrescenta continuamente significados novos, mas estes não destroem a estrutura do símbolo”.

Do modo como colocado aqui, mormente em relação aos estudos do historiador das religiões, pode-se ter a impressão, num primeiro momento, de tratar-se somente de observações antropológicas acerca de um hipotético “homem primitivo”. Contudo, a tônica desses estudos, incluindo os de J. Campbell, citado neste texto, reforça o apontamento para uma universalidade diante do humano, seja do passado, seja do presente.

Dessa maneira, M. Eliade nos conduz à observação de um possível *modus vivendi* dessas sociedades [arcaicas], e comparando-o com o das modernas, com a lúcida percepção de que não somos tão diferentes assim de nossos ancestrais, no sentido metafísico. Estaríamos mais próximos então, de sermos uma espécie de campo aberto, de experimentações vivenciais.

A atividade inconsciente do homem moderno não cessa de lhe apresentar inúmeros símbolos, e cada um tem uma certa mensagem a transmitir, uma certa missão a desempenhar, tendo em vista assegurar o equilíbrio da psique ou restabelecê-lo. Conforme vimos, o símbolo não somente torna o mundo “aberto”, mas também ajuda o homem religioso a alcançar o universal. Pois é graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se “abre” para o geral e o universal. Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do mundo. (ELIADE, 1957, p. 172).

Disso, pode-se deduzir que a importância da interação homem-símbolo estaria na própria estruturação de seu desenvolvimento como um interpretador de realidade, cada vez mais refinando essa habilidade, na medida em que com o passar do tempo e aumento da complexidade da vida, também pelo incremento da atividade social, com possibilidade de contato e relacionamentos com grupos diversos, vai mesmo expandindo a consciência. Daí compreende-se o que Eliade diz sobre o equilíbrio da psique, em que estando o ser, o homem, cada vez mais integrado com o seu entorno, percebendo a si mesmo como um elemento participativo nesse processo todo e a sutil diferenciação expressiva de ambientes, do que se entende pela própria realidade, pode assim formular hipóteses, interpretar, conceituar, enfim, estabelecer o que hoje entendemos como cultura.

3. O SÍMBOLO COMO UM GUIA

Guiados por esses especialistas em mitos e sociedades arcaicas, chegamos a um elemento fundamental sobre a maneira de o homem orientar-se no mundo. E este passaria pela via simbólica. Para aprofundarmos melhor este raciocínio vamos nos deter em um exemplo tão antigo quanto atual.

Uma das mais desconcertantes características que temos como humanos, que possivelmente seja a própria justificativa para o surgimento da Filosofia aliás, é a nossa incessante capacidade de inquietação e em seu âmago, da espécie de compulsão que temos por “nos perder”, para depois “nos encontrarmos”, de novo, mais plenos de sentido. Esse “ir” para depois “voltar”, sugere uma ideia de movimento. Inclusive é o cerne de toda narrativa mítica, na qual, de acordo com o esquema proposto por J. Campbell, há uma espécie de chamado à aventura, em que “o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada em rituais de passagem: separação-iniciação-retorno, que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito”. (WALSH, 1993, p. 36).

No famoso texto Alegoria da Caverna⁶ [ou Mito da Caverna], de PLATÃO, há uma representação desse modelo em que, prisioneiros em uma caverna, onde a luz do sol⁷ não penetra, têm como realidade as sombras projetadas nas paredes por uma fogueira; mas, ocorre que um desses prisioneiros consegue sair, isto é, alçar um nível “superior”, onde pode pela luz do sol, perceber a variedade de contrastes, nuances, sombras e reflexos existentes no mundo, nessa outra realidade; então ele retorna à caverna, a fim de contar aos companheiros sobre o novo vislumbre, sobre as “formas verdadeiras” que viu; porém, os companheiros acostumados ao mundo de sombras não creem nele e matam-no. Além da clara alusão à morte de Sócrates, há a presença desse padrão descrito por Campbell, sobre o chamado à aventura do herói, que a exemplo também, da viagem do xamã, em seus rituais, volta dessa outra realidade, mais “vívica”, trazendo uma informação, um conhecimento novo ou uma cura. Tomando esse padrão como um conceito, este será explorado mais modernamente, no campo da Psicologia, ressaltadas as especificidades de cada escola, grosso modo, no tratamento ou psicoterapia, há uma estrutura semelhante em ação. O terapeuta, então funcionando como um guia, incita a pessoa [o chamado à aventura], a uma viagem [a busca do herói], no caso, no plano do inconsciente, [o outro mundo], para que possa retornar e reelaborar novas leituras de si mesmo. “Carl Jung, por exemplo, um dos primeiros ocidentais a utilizar a viagem na psicoterapia, chamou-a de imaginação ativa. Outros referem-se a ela como visualização, imaginação dirigida, meditação dirigida ou sonho acordado”. (WALSH, 1993, p. 170).

Retomando o raciocínio acerca da articulação entre mundos, poderemos contemplar com mais detalhe, um símbolo que pode bem representar essa ideia de vaivém, justamente por

⁶ É um diálogo entre Sócrates e Glauco, irmão de Platão e está inserido no clássico *A República*, Livro VII. (DE HEER, 2012, p. 38).

⁷ Símbolo bem conhecido [o sol] e reverenciado por diversas culturas, especialmente na antiguidade, comumente significando a divindade primordial e a verdade, entre outros. (JULIEN, 1993, p. 454).

cumprir uma “rota”, por assim dizer, e que causa fascínio desde a antiguidade - o labirinto. Para não fugir do escopo deste trabalho e não me estender demasiadamente no universo do labirinto, que é muito vasto, deter-me-ei, a fim de servir como um exemplo, efetivamente, ao modelo que é constituído apenas por um percurso, do exterior ao centro e seu retorno. Antes, porém, faz-se necessário tecer algumas considerações preliminares.

Numa primeira busca, podemos encontrar como significado: “uma estrutura complexa e intrincada de percursos que se entrecruzam de tal forma que se torna difícil deslindar a saída”. (SANDS, 2001, p. 31) ou ainda, “representa também a complicação, as dificuldades e provas do percurso iniciático que todo indivíduo deve seguir na busca do Eu, o centro de sua personalidade, onde ocorre o segundo nascimento”. (JULIEN, 1993, p. 244). Nesse segundo sentido fica evidenciado uma relação entre a busca do eu com o centro. Este último, um dos elementos fundamentais para a expressão do sagrado, conforme já explicitado por M. Eliade, no início do presente estudo.

As origens dos labirintos [unidirecionais] remontam a tempos remotos. Os exemplos mais primitivos e simples, usados com propósitos ritualísticos, datam de cerca de 2.500 a. C.

O desenho clássico com uma cruz central pode ser encontrado em artefatos pertencentes a diversas culturas. O exemplo mais antigo é o escavado na rocha de uma câmara funerária em Luzzanas, na Sardenha com data de 2500 – 2000 a. C. [...] sua presença na tumba nos dá uma indicação da ligação do labirinto com os rituais da vida e da morte; dança cerimonial em grupos e demais movimentos poderiam ter traçado a passagem da volta para a mãe Terra na morte e por meio do portal da sepultura. (SANDS, 2001, p. 33).

Sua estrutura de imediato lembra a de um círculo, no plano físico, e assim toda sua ritualística corresponde no plano psíquico à ideia de um movimento também cíclico: entrar para sair com algo novo e o correlato, como descrito na citação acima, morrer para renascer. “O labirinto clássico é encontrado em todo o mundo, desenhado na rocha, marcado no chão com pedras, escavado na grama e decorando artefatos antigos”. (SANDS, 2001, p. 33).



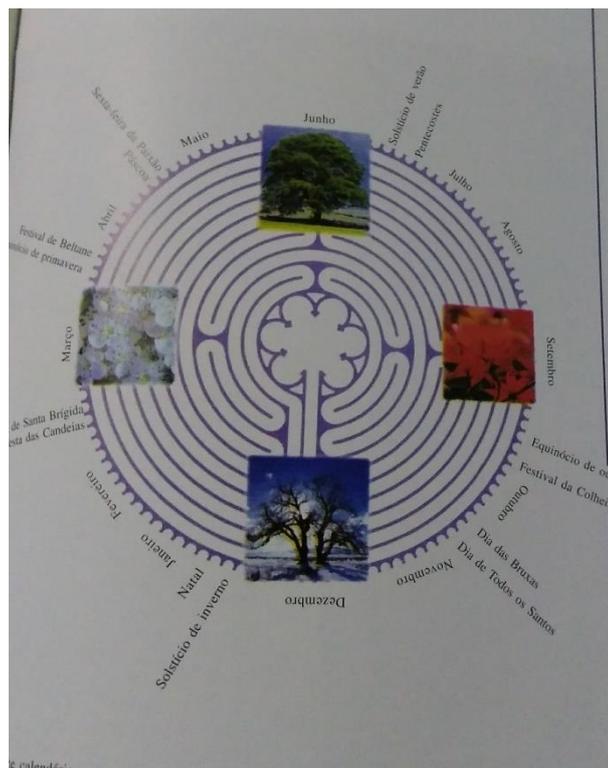
Entretanto, não são usados apenas em rituais, os chamados ritos de passagem. Podem ser usados para diversões ou brincadeiras; como ornamentações de jardins; na própria elaboração arquitetônica de espaços e até mesmo como armadilha para espíritos malignos, “como o encontrado em Visby, na ilha de Gotland, na Suécia, o qual situava-se próximo ao mar e era percorrido por pescadores em busca de ajuda para enfrentar o mau tempo antes de suas expedições de pesca”. (SANDS, 2001, p. 37).

Possivelmente, as duas lendas mais conhecidas em torno desse símbolo sejam o Mito de Teseu e o Minotauro e o labirinto encontrado na Catedral de Chartres [Notre Dame], na França. No primeiro caso, foi construído por Dédalo, em Creta, por ordem do rei Minos para capturar a criatura denominada Minotauro⁸. “Ariadne, filha do rei, ajuda o herói dessa narrativa, Teseu, a sair do labirinto após ter matado o Minotauro, com o auxílio de um novelo de linha”. (JULIEN, 1993, p. 243-244).

O labirinto do piso da Catedral tem em seu centro seis pétalas de flor, representando o “[...] florescimento da energia. Também a rosácea que fica logo acima do labirinto apresenta esse elemento central significando o feminino incorporado por Maria, mãe de Cristo na fé cristã”. (SANDS, 2001, p. 37). As imagens da flor e do caminho representariam a união das tradições masculinas e femininas. Nessa crença a transformação e cura só ocorreria com o equilíbrio desses elementos.

Assim, através dos tempos os grupos humanos em diferentes povos foram descobrindo o labirinto e seus usos, ou melhor, fazendo releituras do símbolo e adaptando-o às idiossincrasias de suas culturas. Do período Neolítico às tradições grega e romana, o labirinto também se desenvolveu de maneira significativa na Idade Média, chegando então às catedrais cristãs europeias. No que diz respeito a estas últimas, em boa parte dos casos, o fascínio e a releitura de seu uso se deram, evidentemente, no contexto de uma nova visão, solapando principalmente as crenças dos povos que anteriormente habitavam os locais onde a fé cristã se alicerçava. Como exemplo da nova força hegemônica em ação, a adaptação de calendários e templos “aproximando” a cultura cristã dos festivais celtas. E, mais emblematicamente ainda, no caso da Arquitetura que, em muitas construções dos novos santuários [igrejas], deu-se literalmente, em cima dos escombros do espaço sagrado da cultura antecessora.

⁸ Minotauro: monstro com corpo de homem, cabeça e cauda de touro; é o aspecto noturno e terrível de uma antiga representação do deus-sol encarnado e rei divino. (JULIEN, 1993, p. 243).



Festividades cristãs/celtas no calendário, extraído do livro *O Labirinto*, (SANDS, 2001, p. 61)

Dessa forma, podemos conjecturar que o símbolo ou o entendimento que podemos ter sobre ele, parece mesmo sofrer mutações, sempre de acordo com o contexto. Como um organismo vivo que se adapta ao ambiente e às contingências deste, para sobreviver. Porém, o que permanece instigante e evidente, no exemplo aqui em análise, é a sua estreita ligação entre movimento/percurso e a chegada ao centro. Seja revestido e executado por meio de música e dança, em rituais e celebrações, mais referentes às práticas da antiguidade, para reviver o Mito [Teseu], ou para celebrar passagens sazonais, especialmente solstício/equinócio [Celtas] e os já mencionados, ritos de passagem; ou ainda, simplesmente caminhando, como parecem estar mais relacionadas às peregrinações de fiéis, como a do interior da Catedral [Notre Dame/Chartres], de todo modo, a “fórmula” descrita por Campbell [a busca do herói], combinada com a concepção de ligação inerente e inextricável entre sagrado e profano, de Eliade, desnuda-se nesse símbolo perene, no qual, o movimento para o interior conduz para uma descoberta, um reavivar, a dissolução do que ficou para trás e a consequente pulsão para o próximo ciclo, do caos à ordem.

Podemos aprofundar o raciocínio quando percebemos que esse processo [do caos], à culminância da nova síntese [à ordem], parece ser o que sempre nos move, literalmente. E, à medida que ganhamos, como espécie, saltos de consciência, revestimos os símbolos, de acordo com isso, como um elétron que salta, quanticamente de seu nível. Então os usos se adequam às

expressões e exigências do mundo físico, sempre ancorado na potencialidade e pulsão do inefável. Disso decorre, que essa nova instância integrativa, a consciência, traz um novo olhar para o nosso *modus vivendi* com, por exemplo, o uso terapêutico do labirinto, pois

A jornada pelo labirinto pode ser dividida em quatro movimentos. Cada movimento acrescenta um elemento novo a sua experiência: a espera e a concentração na entrada antecedem o movimento e permitem que você **reflita sobre quem é** naquele momento; sua jornada para dentro abre sua mente e permite o **livre fluxo de pensamentos e sentimentos**; sua chegada ao centro permite que você descansa e cria a possibilidade de surgimento de **uma nova consciência**; sua jornada para fora permite que você **retorne com essa consciência**. Pode ser que essas quatro etapas lhe ajudem a interpretar sua experiência, ou então a encontrar palavras mais adequadas em seu benefício. (SANDS, 2000, p. 63, grifo nosso).

Chegamos a esse ponto, no caminho deste artigo, em que podemos verificar que nosso modo de viver extremamente imbricado com questões e pressões sociais, econômicas e existenciais, facilitam a que cheguemos a um estado de fragmentação em diversos níveis, notadamente, o psíquico. A partir disso surgem e crescem-se formas de minimizar, ou quem sabe até, de erradicar as sensações incômodas de vazio, falta de pertencimento, beco sem saída e perda de sentido. Então, na tentativa de encontrar um novo posicionamento de vida, novas perspectivas, alguns de nós buscam caminhos alternativos como práticas meditativas, dos mais variados estilos, o esporte, a arte e as práticas das escolas terapêuticas, propriamente ditas, seja por orientação médica, seja por procura voluntária.

Em quaisquer casos, a questão que se coloca é a seguinte: por que não buscarmos os símbolos em nós, ou seja, aqueles que nos chamam a atenção, por exemplo? Ou será que acreditamos que eles, notadamente os tidos como sagrados, sejam meramente um legado ancestral e que não cabem mais em nosso mundo, nem mesmo como uma forma de comunicação? E é nesse estilo, questionador, que o analista junguiano, Gregg M. Furth, se pergunta: “Como é que nós ativamos o poder curador do símbolo?” (2004, p. 44-45). Evidentemente ele a faz no contexto da terapia que emprega, a arte-terapia, como um investigador da psique. Mas em sua resposta, podemos perceber a unidade existencial que temos, enquanto humanos: “[...] precisamos trazê-lo à consciência e permitir que a energia respectiva flua. [...] Desenhá-lo, escrever sobre ele em um diário, ou trazer suas associações e ampliações para a consciência são meios de se atingir esse objetivo”. (2004, p. 44-45).

A fim de vislumbrarmos uma referência coerente com esse texto, vejamos um caso de antiga expressão. Foi citado aqui, no parágrafo anterior, o uso terapêutico do labirinto, como, aliás, poderíamos estar analisando um outro símbolo qualquer. Pois bem, se modernamente temos à nossa disposição, várias escolas terapêuticas, lembremos que a Psicologia se ramificou,

como um corpo de conhecimento autônomo, do tronco de origem da Filosofia. E, nesse caso, reportemo-nos, por exemplo, ao que é considerado um verdadeiro ícone da área. Na famosa obra, de seu discípulo Platão – *A República*, encontramos nos diálogos do filósofo Sócrates, certas particularidades, como no início do Mito da Caverna, Livro VII: “imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens, numa habitação subterrânea [...]” (PLATÃO, 2000, p. 210).

E esta outra, uma ponderação sobre a justiça, no diálogo com Glauco e Adimanto, (Livro II, p. 55):

Disse-lhes então qual era o meu parecer, que a pesquisa que íamos empreender, não era coisa fácil, mas exigia, a meu ver, acuidade de visão. Ora, uma vez que nós não somos especialistas, entendo que devemos conduzir a investigação da mesma forma que o faríamos, se alguém mandasse ler de longe letras pequenas a pessoas de vista fraca, e então algumas delas dessem conta de que existiam as mesmas letras em qualquer outra parte, em tamanho maior e numa escala mais ampla. Parecer-lhes-ia, penso eu, um autêntico achado que, depois de lerem primeiro estas, pudessem então observar as menores, a ver se eram a mesma coisa.

Em meio às indagações que Sócrates faz, em toda a conversa, contudo, sem responder de forma definitiva, ele também usa de um recurso, digamos, didático. Reparemos os termos que emprega, como que convidando seus interlocutores [e para a posteridade, através de Platão, também os leitores], a **visualizarem**, a **observarem**, a hipoteticamente **imaginarem** situações nas quais, o homem se **vê**, incitado a se posicionar diante do tema e elucubrações em questão.

Poderíamos então, aventar que, de certa forma, Sócrates parece ter funcionado como uma espécie de terapeuta, ao **conduzir** pessoas por caminhos [de pensamentos] e, instando-as no aprofundamento das questões, deixa-as, por assim dizer, a decidirem conforme o que **veem**, no cenário hipotético.

Nesse sentido, parece haver uma certa similaridade de postura, na qual alguém conduz um outro, seja um paciente, um peregrino, um interlocutor de Sócrates, um neófito na iniciação com um xamã ou simplesmente, alguém em busca do autodesenvolvimento, tendo então como guia, sua própria consciência/volição.

A imagem na sequência é uma foto de uma proposta de trabalho terapêutico em um hospital, com o uso do labirinto. Nessa prática, os participantes são incentivados a caminhar pelo labirinto no ritmo próprio de cada um, cujo fio condutor [lembramos de Teseu com o fio de Ariadne], é o próprio “caminhar para o centro” do espaço físico, disposto ali sob seus pés, que na verdade, “projetaria” o seu próprio espaço interior. É uma ideia bastante similar às

práticas de meditação usando um apoiador como cânticos, um japamala⁹, a dança, o som de um instrumento específico como o tambor, por exemplo, mas aqui expresso apenas por um desenho no chão que serve de guia, a suscitar a força que a linguagem simbólica exerce sobre nós.



Prática com o Labirinto no Hospital Pirajussara / SP

“Os labirintos se mostraram uma ferramenta eficiente para aliviar a tensão emocional e muscular. Por isso, oferecem grandes benefícios à saúde”, explica o neurologista Afonso C. Neves, da UNIFESP e introdutor da prática no Brasil. (TARANTINO, 2016).



Cartaz sobre a Terapia do Labirinto no Hospital Pirajussara / SP

Assim, essa concepção moderna de usar o labirinto como uma terapia só ratifica a hipótese aventada por M. Eliade sobre a inter-relação entre sagrado-profano. Pois, ao usarmos essa expressão visual, como vimos, de antiga representatividade, no mundo concreto, estabelecemos a “ponte”, com o sagrado ou a instância do inefável, mencionada no início desse

⁹ Japamala: cordão de contas utilizado pelas tradições budista e hindu no canto de mantras, nas orações e meditações. *Japa* em sânscrito significa recitação; e *Mala* quer dizer cordão de contas. (NOWMASTÊ, 2015).

texto. Podemos constatar que efetivamente, a prática suscita uma jornada para dentro, em que o movimento, o caminhar pelas curvas em direção ao centro, parece favorecer que o fluxo de pensamentos/emoções que fluem na mente do participante, percorra caminhos que visam a uma estabilização.

Esse uso terapêutico ajusta-se então, como um modelo comprobatório da estreita ligação entre os mundos, o sagrado e o profano. Sua forma representada concreta e visualmente, no chão [o espaço sacralizado], combinada com o ato de caminhar, no ritmo próprio do participante [o tempo sacralizado], propiciam uma experiência diferente, da que está acontecendo no mundo fora desse espaço, como uma epifania, em que a pessoa pode transportar-se para sua interioridade em uma espécie de semelhança existencial, onde o que está fora conduz ao que está dentro. O movimento fomentado pela forma externa, dessa estrutura geometricamente em equilíbrio, por ressonância da própria forma, reverbera internamente e o seu fecho se dará no centro [o *axis mundi*], equilibrando os movimentos dissonantes [pensamentos/emoções], isto é, do caos ao cosmos [ordem].

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, tanto a Filosofia, como a Via Mística e também a Arte, de alguma forma, estimulam o movimento, sejam de ideias ou de emoções e isso parece promover uma compreensão maior sobre a vida e/ou um sentimento de conexão. Nessa mesma linha aloca-se o estudo dos símbolos, da linguagem simbólica, oriunda notadamente da antiguidade, que de alguma forma, assim como os caminhos citados, seriam todas áreas, cujas dinâmicas intrínsecas a elas relacionadas, nos interpelariam acerca de nossos comportamentos para diversas questões. A bem da verdade, que alguns de nós só se sintam convidados a se postar diante de certas perspectivas, em vários momentos da vida, apenas quando alguma pressão física ou existencial atinja um ponto excruciente, de desespero.

Difícilmente não usaremos nossa tela mental para concatenar hipóteses, a menos que tenhamos dificuldades neurológicas muito graves e, mesmo assim, talvez ainda não dispendo de um conhecimento suficientemente robusto no que concerne à consciência, pois que é uma área relativamente nova de exploração interdisciplinar. Assim, o nosso modo de ser/estar no mundo contempla o combinar e relacionar sons com imagens e emoções [antigas e atuais], tecendo ideias, articulando concepções, cotejando tradições e valores, ou seja, as “voltas” de possibilidades de um labirinto metafórico [mental], no qual, em algum momento descobrimos

ou escolhemos, quem somos, onde estamos ou qual o próximo passo a ser dado [a chegada ao centro].

Aqui, o exemplo abordado foi o de um símbolo possível, observado em algumas culturas, mas igualmente poderiam ser estudados, outros, nessa mesma condição, de cunho tradicional, historicamente reverenciado por culturas do passado. Importante destacar, penso, é que todos, dada a nossa condição inerentemente humana, teremos mais ou menos afinidades com alguns símbolos em relação a outros e podemos, se estivermos dispostos, aprofundarmos nas explorações, pois como se depreende, os sentidos e significações que eles podem nos trazer, e inclusive usos, potencialmente podem nos auxiliar mais do que podemos, num primeiro momento, deduzir.

E como visto, o substrato de aprendizado fica implícito ao longo do caminho, de milênios, com a mutação e adaptação deles nas diferentes culturas, repaginados, porém, sempre vivos. Quem sabe por esta via, a simbólica, não resgatemos nossa substância sagrada, ainda que estejamos nos dias hodiernos, mergulhados em intrincadas tramas profanas.

REFERÊNCIAS

Livros:

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 1. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1989.

CATÂNEO, M. E. **Produção filosófica**. Palhoça: Unisul Virtual, 2010.

DE HEER, M. **Filosofia em quadrinhos**. Trad. Daniel Eiti Missato Cipolla. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1957.

FURTH, G. M. **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem junguiana da cura pela arte**. Trad. Gustavo Gerheim. São Paulo: Paulus, 2004.

JULIEN, N. **Dicionário dos símbolos**. Trad. Luiz Roberto Seabra Malta. São Paulo: Rideel, 1993.

PLATÃO. **A república**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2000.

SANDS, H. R. **Labirinto: caminho para meditação e cura**. Trad. Henrique A. R. Monteiro. São Paulo: Madras, 2001.

WALSH, R. N. **O espírito do xamanismo**. São Paulo: Saraiva, 1993.

Textos:

CARVALHO, M. E. **A linguagem simbólica** – da herança comum da humanidade. 2014.
Disponível em: <https://www.nova-acropole.pt>. Acesso: 19/03/2020.

NASCIMENTO, T. **Nietzsche – 4 pensamentos para começar a entender o que ele falava**. 2019.
Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com>.
Acesso: 27/04/2020.

NASSER, M. C. Q. C. **Linguagem simbólica como ponte**. PUCSP. Revista Ciências da Religião – História e Sociedade, v. 2.no. 2, 2004.
Disponível em: www.editorarevistas.mackenzie.br.
Acesso: 20/03/2020.

NOWMASTÊ. **O que é um japamala**. Disponível em: <https://nowmaste.com.br>. 2015.
Acesso: 05/05/2020.

TARANTINO, M. **Terapia do labirinto**. 2016.
Disponível em: https://istoe.com.br/103771/_A+TERAPIA+DO+LABIRINTO/.
Acesso: 05/05/2020.

PINTO, L. F. M. **A simbologia e os enigmas do labirinto**. Revista Arquitetura Lusíada. No 8. p. 20 – 48, 2015.
Disponível em: [revistas.lis.ulusiada.pt>article>view](http://revistas.lis.ulusiada.pt/article/view).
Acesso: 13/09/2019.

Vídeos:

A linguagem simbólica da vida. Palestra de Lúcia Helena Galvão. Nova Acrópole. 2018.
Disponível em: www.nova-acropole.org.br. Acesso: 27/03/2020.

O sagrado e o profano. Leitura Comentada por Lúcia Helena Galvão. Nova Acrópole Palestras Filosóficas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2nES4k10a-0>.
Acesso: 06/09/2019.